

Crítica à Lógica da Exclusão e Ética Solidária: desafios ético-teológicos a partir do pensamento de Hugo Assmann em diálogo com o Papa Francisco

*Criticism of the Logic of Exclusion and Ethical Solidary:
Ethical-theological challenges from the thought
of Hugo Assmann in dialogue with Pope Francis*

Thales Martins dos Santos

Resumo

Ao deixar-se tocar pela desigualdade social sempre alarmante, a ética social se vê impulsionada a agir na defesa do evangelho da vida, a fim de que todos tenham vida, e a tenham em abundância (Jo 10,10). Desta maneira, este artigo pretende, a partir do pensamento do teólogo Hugo Assmann, elucidar uma crítica coerente aos novos desafios socioeconômicos que se levantam e afrontam os fundamentos da fé cristã. Para Assmann, é preciso considerar que há uma fé no mercado que ultrapassa os limites físicos dos templos, pois a sua pretensão é propor um novo paradigma social de controle sobre todas as esferas humanas. Em confronto com o Deus da Vida, o mercado se levanta como um ídolo implacável na exigência de sacrifícios de vidas humanas como garantia da sua perversa infinitude e irrestrita atuação na sociedade. As novas leis morais já não partem do credo cristão, mas unicamente das teorias econômicas.

Palavras-chaves: Mercado. Exclusão. Idolatria. Ética. Solidariedade.

Abstract

By allowing oneself to be touched by ever alarming social inequality, the social ethics is driven to act in defense of the gospel of life, that is “so that all may have life, and have it in abundance (Jn 10,10).” Thus, from the thought of the theologian Hugo Assmann, this article intends to elucidate a coherent criticism of the new socioeconomic challenges that arise and confront the foundations of the

Christian faith. For Assmann, it is necessary to consider that there is a faith in the market that goes beyond the physical limits of temples, because its intention is to propose a new social paradigm of control over all human spheres. In confrontation with the God of Life, the market rises as a ruthless idol in the demand for sacrifices of human lives as a guarantee of its wicked infinity and unrestricted action in society. The new moral laws, no longer, start from the Christian creed, but only from economic theories.

Keywords: Market. Exclusion. Idolatry. Ethics. Solidarity.

Introdução

Propor um caminho de discussão a partir do pensamento de Hugo Assmann em diálogo com o Papa Francisco constitui um desafio. Num primeiro momento, em razão da complexidade de seu pensamento, haja vista a densidade e a quantidade de seus escritos. Por conseguinte, aparece também, enquanto desafio, a originalidade de sua crítica acerca da idolatria do mercado, trazendo consigo uma responsabilidade ética de buscar transmitir o mais fiel possível a sua reflexão acerca do binômio teologia e economia.

Neste sentido, este artigo pretende esboçar um breve percurso de análise ético-social de um dos problemas mais latentes na sociedade atual: a lógica da exclusão. Num cenário de grave crise econômica mundial, o número de excluídos do consumo sobe a cada dia. A fome, por exemplo, mata assustadoramente milhares de pessoas e impossibilita o desenvolvimento humano de tantas outras. Destarte, a crítica de Assmann se faz urgente nos espaços acadêmicos e religiosos a fim de contribuir na luta profética por condições de vida digna para todos. Da mesma forma, o Papa Francisco tem alertado continuamente sobre os riscos de uma economia que mata. Pode-se, portanto, propor uma reflexão sobre a lógica da exclusão presente na sociedade neoliberal e a urgência de um imperativo ético da solidariedade em Hugo Assmann, mas também encontrando semelhanças desta crítica no magistério do Papa Francisco.

1. Mercado neoliberal e idolatria: duas caras da mesma moeda

Trazer à reflexão uma proposta de enfrentamento ao poder econômico daqueles que se outorgam o direito de controle sobre toda a sociedade, consiste, no mínimo, num ato profético frente à omissão de não poucas instituições que estão caladas diante de um número exorbitante de mortos pela miséria. A realidade de opressão que massacra vidas dia após dia consiste num desafio que se impõe

perante a humanidade. Por isso, Hugo Assmann afirma que “o maior desafio ético da atualidade e, neste sentido, o fato maior deste nosso tempo é, sem dúvida, a presença de uma estarrecedora lógica da exclusão no mundo de hoje”.¹

Entretanto, enxergar esta realidade e deixar-se tocar por ela, implica, necessariamente, uma capacidade de avaliar e considerar as causas que permitem que esta lógica da exclusão subsista na sociedade e, pode-se dizer, aumente as suas vítimas constantemente. Quanto a isto, pode-se encontrar no pensamento de Hugo Assmann, teólogo da libertação latino-americano, uma chave de leitura e interpretação das dinâmicas econômicas que, a partir do neoliberalismo, transformaram-se em idólatras.

A relação entre economia e teologia soa com estranheza para alguns teóricos, seja do campo da economia, bem como da teologia, uma vez que ambas as ciências, por vezes, pensam operar em campos distintos de objetos. A economia, desde a revolução científica e a sua legitimação como ciência, acredita trabalhar com valores exatos e dispensar todo e quaisquer juízos de ordem ético-moral. Enquanto a teologia, por sua vez, pode se restringir a um mero discurso sobre Deus que esteja ausente das necessidades concretas e históricas, ignorando a encarnação do Verbo que, justamente vindo ao mundo, assume a realidade humana como lugar de salvação e libertação. Deste modo,

No encontro com os pobres, na experiência da solidariedade, no sentir a dor do outro, na indignação frente às injustiças e nas diversas formas de luta para defender a dignidade de todos os seres humanos, muitos de nós percebemos mais claramente que este caminho é um lugar privilegiado para uma verdadeira experiência de Deus.²

Para se pensar a teologia sistematicamente e torná-la válida como anúncio profético diante de um contexto de desigualdade legitimada é preciso passar pelo ser humano. E, ao passar pela humanidade, traz consigo a necessidade de promover a possibilidade de vida digna para todos (Jo 10,10). Em razão disto, a teologia deve participar dos debates entre as ciências que operam com os parâmetros de controle e estabilidades sociais, como, por exemplo, a economia que direciona e organiza a distribuição de renda, tão necessária para uma vida digna. Para setores liberais, tanto da economia quanto da teologia, o debate acerca dos problemas sociais não deve ser posto em pauta. No Brasil atual uma corrente ultraconservadora na economia, na política e na religião busca implantar um projeto de poder que exclui qualquer questão que não seja da ordem dos costumes,

¹ ASSMANN, H., *Metáforas novas para reencantar a educação*, p. 211.

² SUNG, J. M., *Desejo, Mercado e Religião*, p. 21.

aqui entendidos a partir de uma moral neoconservadora.³

Assmann, numa obra de suma importância para a compressão de seu pensamento, afirma que o seu interesse é eminentemente prático: “a luta em favor da vida humana real e concreta”.⁴ A sua afirmação não está deslocada de um contexto, mas é preciso inseri-la numa realidade de opressão que se estende a todos os setores mundiais e, por isso, ele é incisivo ao afirmar, juntamente com outros teólogos integrantes da Teologia da Libertação latino-americana, particularmente da Escola do DEI,⁵ a defesa do Deus da vida, em contraposição aos deuses da morte que, biblicamente, são os ídolos da opressão.⁶ Por isso, “em um mundo *oprimido*, a evangelização deve chocar-se fundamentalmente com a *idolatria* e não com o *ateísmo*”.⁷

Diante da grave crise econômica que hoje se assiste, a qual acentuou fortemente o abismo desigual existente na sociedade, torna-se urgente recuperar esta discussão sobre a idolatria do mercado, isto é, pensar criticamente a absolutização do mercado pelo sistema econômico neoliberal, ao ponto de colocá-lo como critério último de decisão sobre a vida e a morte do ser humano. É necessário considerar que esta crítica já estava presente no pensamento de Walter Benjamin, da Escola de Frankfurt, que diz: “o capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta”.⁸ Ou seja, o capitalismo tem por intenção assumir um espaço de transcendência na realidade histórica do ser humano, estando acima dos critérios ético-sociais, logo, sendo o responsável pela condução da ordem social.

Para a ética cristã, é imperativo recuperar uma teologia da idolatria capaz de combater por meio da denúncia profética todos os deuses que se levantam contra a vida humana e, por conseguinte, ocupam o altar do Deus da Vida. No livro da Sabedoria, a ideia de fazer ídolos está associada à corrupção da vida (Sb

³ PY, F., Padre Paulo Ricardo, p. 23.

⁴ ASSMANN, H., HINKELAMMERT, F., *Idolatria do Mercado*, p. 9.

⁵ A Escola do DEI (Departamento Ecumênico de Investigaciones), embora gestada no Chile, teve sua fundação em San José, na Costa Rica, nos anos de 1970, sendo resultados dos esforços de Hugo Assmann, Pablo Richard e Franz Hinkelammert. Embora não tenha uma delimitação rígida, caracteriza-se fortemente por associar reflexão teológica e a crítica ao capitalismo, privilegiando o debate com as Ciências Sociais, de maneira transdisciplinar, dos problemas humanos a partir das ameaças concretas à possibilidade da vida. Ainda, é responsável por diversas publicações que tecem uma crítica ao processo idolátrico opressor e necrófilo presente na realidade latino-americana.

⁶ “A mensagem bíblica sobre a idolatria é essencialmente uma mensagem de libertação e esperança em momentos de crise, exílio e opressão do povo de Israel e das primeiras comunidades cristãs”.

RICHARD, P., *A luta dos deuses*, p. 11.

⁷ RICHARD, P., *A luta dos deuses*, p. 9.

⁸ BEJAMIN, W., *O capitalismo como religião*, p. 21.

14,12), haja vista que a vida humana fica subjugada diante da violência opressiva dos sacrifícios exigidos e legitimados pelos ídolos. Torna-se válido ressaltar a interpretação utilizada pelo teólogo Hugo Assmann para a explicitação dos conceitos de ídolo e idolatria:

Ídolos são os deuses da opressão. Biblicamente, o conceito de ídolo e idolatria está diretamente vinculado à manipulação de símbolos religiosos para criar sujeições, legitimar opressões e apoiar poderes dominadores na organização do convívio humano. No interior dos processos de intercâmbio valorativo entre os homens, a troca simbólica de objetos e representações de cunho sagrado costuma preservar uma determinada “utilidade”, isto é, um aspecto útil ou valor de uso. Fascinados por essa “serventia” dos seus deuses, os seres humanos se entregam prazerosamente a eles. Consumindo-os (já que os mitos são bons para serem comidos), os homens perdem em geral a consciência de que existem deuses devoradores da vida humana. Os ídolos são implacáveis em suas exigências de sacrifícios.⁹

Neste sentido, a partir das teorias econômicas, valida-se como idolatria este culto exclusivo e ilimitado ao mercado neoliberal, no qual ele se autodetermina como o único caminho capaz e eficiente de realizar a felicidade dos homens neste mundo.¹⁰ Todos os sacrifícios exigidos em nome do mercado são condição para que ele possa realizar os seus benefícios. Logo, “elevadíssimos custos sociais são declarados “sacrifício necessário”, com promessas de redenção futura”.¹¹

A desigualdade socioeconômica já não é vista como uma situação de miséria a ser combatida, mas como um elemento inserido na dinâmica própria da autorregulação do mercado,¹² ou seja, o mercado por si e em si possui mecanismos próprios de controle econômico e social, e qualquer tentativa de interferência fere a sua ação na busca pelo bem comum.¹³ Nas palavras de Jung Mo Sung,

⁹ ASSMANN, H., HINKELAMMERT, F., A idolatria do mercado, p. 11.

¹⁰ Para Assmann, “a idolatria do mercado é, em primeira e principal instância, a convivência, prática e acrítica, com os critérios de mercado como forma determinante e tendencialmente exclusiva de avaliar a condução da economia”. ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F., A idolatria do mercado, p. 262.

¹¹ ASSMANN, H., Clamor dos Pobres e “Racionalidade” Econômica, p. 19.

¹² Segundo Polany, “economia de mercado significa um sistema de mercados autorregulados. Em termos ligeiramente mais técnicos, trata-se de uma economia dirigida por preços de mercado e nada além de preços de mercado. Um sistema assim, capaz de organizar toda a vida econômica sem ajuda nem interferência externa, decerto mereceria ser chamado de autorregulado”. POLANY, K., A grande transformação, p. 99.

¹³ “Auto-regulação é a noção com a qual se pretende explicar a suposta ou real causalidade circular interna das ordens espontâneas. Os mecanismos internos regulam autonomamente o funcionamento do sistema. A chave de explicação racional dos fenômenos internos deve ser buscada nos próprios mecanismos internos”. ASSMANN, H., Desafios e Falácias, p. 23.

Economia de mercado é uma economia onde o mercado tem o papel central e é autorregulado. Isto é, no interior da economia só se aceita as regras do próprio mercado e não admite nenhuma regra ou valores exteriores à lógica do mercado, por ex. regulações na economia em nome dos valores de solidariedade comunitária.¹⁴

De acordo com os teóricos liberais da economia, a busca pelos interesses próprios oferece as condições para que toda a sociedade seja beneficiada. Isto consistiria numa lógica do “amor ao próximo”. Para Adam Smith, por exemplo, “a ‘mão invisível’ solucionava automaticamente os conflitos superficiais ou aparentes da melhor maneira, para a felicidade humana”.¹⁵ Já para os neoliberais, é necessário ir além do mercado e alcançar novas formas de vida, e este ideal está sintetizado na frase famosa de Thatcher: “A economia é o método, o objetivo é mudar a alma”. Destarte, “depois de esvaziar a vontade humana de tudo que não esteja em consonância com os ditames do mercado, o neoliberalismo a desloca para o centro de seu funcionamento”.¹⁶

Tudo deve estar subordinado aos ditames do mercado, e esta é a regra de ouro para uma convivência harmoniosa e feliz entre todos, obviamente, de acordo com o neoliberalismo, uma vez que ele é um juiz imparcial diante de todos. Logo, afirmam os teóricos neoliberais, ninguém se sentirá lesado perante as suas leis. Estas são iguais para todos. Isto se encontra na afirmação de Ludwig von Mises que diz:

A igualdade perante a lei dá a você o poder de desafiar cada milionário. Em um mercado não sabotado por restrições impostas pelo governo, a culpa é exclusivamente sua se você não supera o rei do chocolate, o astro de cinema e o campeão de boxe.¹⁷

No entanto, ao entrar neste sistema de competição eterna, o fracasso se torna algo inevitável para todos, haja vista que “até mesmo os campeões e as estrelas não conseguem manter-se nessa posição para sempre. Por isso, um dia eles também serão culpados. Ninguém consegue fugir da acusação da culpa”.¹⁸ E esta culpa é consequência do fracasso, jamais do mercado. Instaure-se uma lógica da exclusão legitimada pela ordem social neoliberal. Se antes da vitória da ideologia neoliberal, o sistema capitalista sentia a necessidade de esclarecer sobre os seus custos sociais, hoje, com a absolutização das leis do mercado, “os pobres são

¹⁴ SUNG, J. M., Mercado religioso e Mercado como religião, p. 293.

¹⁵ HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, M., História do Pensamento Econômico, p. 51.

¹⁶ FRANCO, F.; et al., O sujeito e a ordem do mercado, p. 67.

¹⁷ MISES, L. V., The Anti-Capitalist Mentality, p. 10.

¹⁸ SUNG, J. M., Idolatria do dinheiro e direitos humanos, p. 133.

vistos como culpados de sua pobreza e do seu fracasso”.¹⁹ Na perspectiva do crescimento econômico, uma enorme quantidade de seres humanos torna-se oferta para o sacrifício no altar do deus-Mercado.

2. Excluídos do mercado e incluídos na morte

Em um dos seus livros, intitulado *Crítica à Lógica da Exclusão*, Assmann, ao tratar sobre partes enormes da população mundial consideradas “massa sobrando”, faz o seguinte questionamento: “como fazer que a sua dignidade humana volte a ser a referência de ‘valor’?”²⁰, em outros termos, quais os meios necessários para que a dignidade humana esteja acima dos interesses escusos do mercado?

Faz-se preciso sair de uma leitura simplista da realidade e que, inclusive, trabalha com análises muito amplas, escapando os aspectos centrais desta realidade. Para Assmann, não se trata de uma denúncia total ao mercado, na tentativa de extingui-lo por completo: “Fique, pois, claro que de nenhuma maneira encaramos o mercado como pura lógica de exclusão, mas como a coexistência de uma lógica da inclusão com uma lógica da exclusão”.²¹ Desta forma, o mercado traz consigo elementos econômicos e antropológicos que são capazes de gerar aumento da produção de bens e serviços, incorporação de avanços técnico-científicos, incentivo à criatividade e ao empenho, entre outros fatores, desde que ele esteja enquadrado por um planejamento de metas sociais.²²

Caso contrário,

Para a economia de mercado, enquanto abandonada a seu próprio jogo, o ser humano só é tomado em consideração enquanto *homo oeconomicus*, isto é, enquanto agente econômico capaz de oferta e demanda. No jargão de moda na onda Qualidade Total, o cidadão é o cliente, apregoado como referência básica. Nada mal, como um começo, se a satisfação de necessidades humanas reais fosse a base de critérios da economia. Mas, como sabemos, num sistema produtivo puramente mercadológico, nunca é esse o critério predominante, mas o da rentabilidade.²³

Diante de uma lógica da exclusão, tudo compete para o crescimento irrestrito do mercado, acreditando que todos possuem a possibilidade de inclusão e integração na ordem do consumo. Logo, “só não estariam “dentro” aqueles que, de alguma forma culposa, deixaram de aproveitar a chance de integrar-se no

¹⁹ SUNG, J. M., *Idolatria do dinheiro e direitos humanos*, p. 139.

²⁰ ASSMANN, H., *Crítica à Lógica da Exclusão*, p. 5.

²¹ ASSMANN, H., *Metáforas novas para reencantar a educação*, p. 217.

²² ASSMANN, H., *Metáforas novas para reencantar a educação*, p. 216.

²³ ASSMANN, H., *Metáforas novas para reencantar a educação*, p. 217.

mercado”.²⁴ Os não consumidores são culpados do seu próprio fracasso e, assim, as consequências desta culpa são merecidas.²⁵

A ordem capitalista neoliberal dá origem a religião econômica, onde se percebe uma “fé ilimitada na validade exclusiva de um determinado paradigma econômico para chegar a realizar, da maneira mais eficiente, a felicidade dos homens neste mundo, pelo menos no tocante aos problemas econômicos que afligem a humanidade”.²⁶ Em razão disto, é certo afirmar que “o sistema opressor está impregnado de teorias sacrificais que, em última instância, são de raiz teológica”.²⁷

A exclusão da ordem de consumo do mercado e a consequente morte dos *fracassados* é legítima uma vez que faz parte do sacrifício exigido pelo ídolo-mercado. Numa religião idolátrica, a exigência de sacrifícios é justificada em razão das leis do ídolo. Assim, o sacrifício é aceitável.²⁸ De maneira histórica, “ídolos são os deuses da opressão. E sua invariável exigência é o sacrifício de vidas humanas”.²⁹ De acordo com Girard, é importante considerar que apenas “uma transcendência qualquer, que faça acreditar numa diferença entre o sacrifício e a vingança, ou entre o sistema judiciário e a vingança, pode enganar duravelmente a violência”.³⁰

Essa transcendência apontada por Girard consiste na religião econômica estruturada a partir da absolutização do mercado como critério de decisão acerca das dinâmicas da vida humana. Ou seja, a respeito do mercado aqui referido, pode-se afirmar que “religiosa é a sua pretensão de sistema auto-regulador que dispensaria o constante corretivo da intenção política, como se essa não lhe fizesse falta, enquanto instância necessariamente exterior a seus mecanismos”.³¹

Ao tornar-se religioso, numa intensa messianização, o mercado neoliberal se apresenta como “boa nova” e única saída possível para a realização do ser humano, assim, aqueles que lhe prestam culto, na realidade, prestam um serviço a

²⁴ ASSMANN, H., *Metáforas novas para reencantar a educação*, p. 218.

²⁵ Nas palavras de Jung Mo Sung, “o ser humano, com seus direitos e suas necessidades, já não é o ponto de partida, mas sim o mercado. Aqueles a quem o mercado dá a possibilidade de exercer os direitos têm direitos; mas aqueles a quem o mercado exclui, perdem os mesmos direitos. A inviolabilidade da vida humana imediata entra em conflito e é subordinada à inviolabilidade das relações sociais de produção”. SUNG, J. M., *Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres*, p. 111.

²⁶ ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F., *A idolatria do mercado*, p. 198.

²⁷ ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F., *A idolatria do mercado*, p. 352.

²⁸ Pode-se perceber “na lógica do mercado, os sacrifícios de vidas humanas não são mais exigidos em nome de um Deus transcendental, mas em nome de uma instituição que foi transcendentalizada, o mercado. Os sacrifícios, “os custos sociais”, são impostos sobre seres humanos em nome da redenção econômica”. SUNG, J. M., *Desejo, Mercado e Religião*, p. 133.

²⁹ ASSMANN, H., *Desafios e Falácias*, p. 21.

³⁰ GIRARD, R., *A violência e o sagrado*, p. 38.

³¹ ASSMANN, H., *Desafios e Falácias*, p. 21.

todo ser humano. Por isso, “(...) os opressores se sentem benfeitores, imbuídos de mística de serviço”.³² Diante desta postura, é necessário propor um paradigma religioso que se contraponha a esta teologia necrófila, isto é, faz-se mister retornar fortemente ao evangelho do Deus da Vida em contraposição aos deuses da morte que se alimentam da morte dos inocentes em nome da lógica do mercado.

Desafiador para a ética teológica, a proposta de uma educação à solidariedade aparece como urgência na intenção de apresentar novos valores que recuperem a dignidade do ser humano para o centro do debate socioeconômico. Incisivamente, afirma o Papa Francisco: “Assim como o mandamento ‘não matar’ põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer ‘não a uma economia da exclusão e da desigualdade social’”.³³ Recuperar o evangelho da vida é condição para o testemunho do Deus que deseja misericórdia, e não sacrifícios (Mt 9,13). Novamente, distingue-se que “o ídolo é o Deus que exige sacrifícios de vidas humanas, que não perdoa e nem os clamores dos pobres. Deus, pelo contrário, é Aquele que ouve os clamores e, em vez de exigir sacrifícios, oferece como dom a misericórdia”.³⁴ A ética teológica terá alcance junto aos vários espaços socioculturais a partir do momento que ela, olhando e se deixando confrontar com as reais necessidades humanas, propor ações factíveis, capazes de promover a vida e a dignidade plena nas condições históricas.

3. Sensíveis e solidários ao clamor dos pobres

Admitir os limites da condição humana, por vezes, pode causar incômodo e mesmo um desânimo em relação à ação profética quando se tem uma visão distorcida das possibilidades de realização das utopias dentro da história humana. É de extrema importância um questionamento trazido por Assmann que remete justamente a esta questão:

Não seria melhor restituir ao termo u-topia o sentido forte de horizonte para além do realizável (ou-tópos=não-lugar), mas que tem a função de pólo atrator radical, irrealizável como tal neste mundo, mas dinamizador e direcionador de todos os passos da esperança?³⁵

Diante da exacerbação do egoísmo como via de acesso legítimo ao enriquecimento por meio do mercado, a conversão à solidariedade surge como imperativo ético e critério radical de tomada de decisão: uma sociedade na qual haja lugar para todos. Então, “com a opção pelos excluídos não se quer dizer que

³² ASSMANN, H., Desafios e Falácias, p. 13.

³³ EG 53.

³⁴ SUNG, J. M., Desejo, Mercado e Religião, p. 141.

³⁵ ASSMANN, H., Metáforas novas para reencantar a educação, p. 228.

um grupo está mal e o outro está bem. O que se quer é uma vida digna para todos. A exclusão destrói o bem comum e o bem comum é um bem para todos. Destruindo-o, tudo fica pior para todos”.³⁶ Vale citar, novamente, o Papa Francisco que diz: “Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano”.³⁷ Este olhar para a complexidade de um sistema socioeconômico implica reconhecer e assumir o compromisso de “lutar por políticas públicas que favoreçam conscientemente o ideal de uma sociedade onde caibam todos”.³⁸

Para isto, é imprescindível reconhecer que a crítica de Assmann não se dá ao mercado enquanto tal, mas em torná-lo transcendentalizado e livre de toda e qualquer interferência de outros mecanismos em vista de planejamentos sociais, como se ele automaticamente fosse realizar o bem melhor para todos. Negar ao mercado em sua totalidade recorre ao risco da idolatria ao reverso, haja vista que uma outra instituição histórica poderá assumir o lugar de absoluto.

No pensamento de Hugo Assmann, encontra-se:

Na prática, o sujeito ético, numa economia-com-mercado, está sempre envolvido, por um lado, pelos níveis de auto-regulação efetivamente existentes (na economia, na política, na cultura, na educação, etc.), ou seja, pelas normatizações que se oficializaram e objetivamente se cumprem; e, pelo outro, supõe-se que, apesar das condições não sempre propícias, sobreviva nele algo (talvez não muito) de livre autodeterminação subjetiva. Esta subjetividade está configurada pela unidade inseparável entre necessidades e desejos. É como feixe de paixões e interesses, e não sem eles, que pode impregnar-se de sensibilidade para seus semelhantes. Nesta perspectiva já não se pode deixar de tratar, de frente e positivamente, a questão do direito ao consumo em níveis satisfatórios e do direito ao prazer de viver. É um terrível equívoco achar que esses temas entram necessariamente em conflito com uma ética solidária. Ao contrário, esta terá que integrá-los positivamente.³⁹

Sem o mínimo para o consumo de suas necessidades humanas, o ser humano é violentado a sua dignidade e isto se torna um desafio à ética. Por esta razão, não se pode deixar lado a discussão sobre teorias econômicas a partir de discursos éticos, conjugados por um plano histórico-possível. Já que “exigências ou objetivos supra-humanos ou não factíveis dentro das condições objetivas e subjetivas fazem mal à vida concreta das pessoas que sofrem e também daqueles que pela compaixão são solidárias na dor”.⁴⁰

³⁶ HINKELAMMERT, F., Mercado versus Direitos Humanos, p. 148.

³⁷ EG 58.

³⁸ ASSMANN, H., Metáforas novas para reencantar a educação, p. 232.

³⁹ ASSMANN, H., Metáforas novas para reencantar a educação, p. 233.

⁴⁰ ASSMANN, H., SUNG, J. M., Deus em nós, p. 175.

A superação de uma lógica da exclusão não se dará por meio de discursos autoritários e fundamentalistas sem embasamento científico e deslocado do diálogo com os demais saberes. Ao contrário, é preciso um trabalho inter e transdisciplinar que capacite as várias ciências para atuação em conjunto na libertação dos pobres. Faz-se urgente formar a consciência de que “o mercado, *per se*, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal”.⁴¹ Do mesmo modo, “também a teologia precisa romper com teorias lineares e entender algo de sistemas dinâmico e complexos, nos quais a auto-organização e os novos níveis emergente cumprem um papel fundamental”.⁴²

Não se pode pensar numa teologia e, por sua vez, numa ética teológica, que esteja afastada dos sofrimentos e angústias das pessoas. Uma ética deve sempre ser direcionada ao bom ordenamento de um grupo social, considerando os melhores meios possíveis para todos. É necessário provocar uma sensibilidade solidária, inversa à globalização da indiferença.⁴³ Uma sensibilidade que saiba assumir os limites da natureza humana e não desista na primeira frustração frente a não realização dos desejos em razão dos desafios históricos.

A luta pela vida plena e prazerosa para todos requer coragem e audácia. Coragem porque será preciso enfrentar estruturas de poder que detêm grande parte das instâncias sociais, políticas e culturais da sociedade, e audácia porque é necessário a humildade para sempre se reinventar e repensar as teorias a partir dos constantes desafios borbulhados nos próprios conflitos humanos. Imbuídos pela coragem e pela audácia, aqueles que se dispõem a criticar a lógica da exclusão devem promover e proteger o direito de todos ao consumo das suas necessidades humanas, entre elas, o próprio prazer de consumir.

Aliás, Jung Mo Sung é claro ao dizer que:

O prazer de consumir não é uma invenção do capitalismo. Faz parte da condição humana. O que Hugo Assmann sempre criticou foi o fetiche da mercadoria ditando as relações humanas e sociais. O problema não está no prazer de comprar ou de consumir, mas na classificação do grau da dignidade humana dos indivíduos a partir do critério do padrão de consumo. Aliás, uma das razões da luta em favor dos pobres é para aumentar a capacidade de consumo deles.⁴⁴

Não se nega a capacidade de consumir, mas a crítica está no consumismo desenfreado. Diante do ser humano, o dinheiro deve servir, e não governar.⁴⁵ Não há espaço para uma ética das exclusões e do sofrimento, mas é chegada a hora de

⁴¹ FT 168.

⁴² ASSMANN, H., Por uma teologia humanamente saudável, p. 127.

⁴³ EG 54.

⁴⁴ ASSMANN, H.; SUNG, J. M., Deus em nós, p. 177-178.

⁴⁵ EG 58.

promover a ética da vida, onde o Reinado do amor acontece e se concretiza nos gestos de partilha e sensibilidade solidárias, numa consciência atenta ao clamor dos pobres.

Conclusão

A pesquisa no campo da ética teológica tem sido motivada a descer e expandir o seu diálogo com outros saberes, sobretudo em razão da complexidade dos sistemas que organizam a sociedade. Qualquer leitura que ignore esta realidade será sempre excludente e indiferente ao sofrimento humano. Pois, toda tentativa de transformação social precisa ter a consciência e a responsabilidade de assumir um protagonismo calcado em compromissos históricos e factíveis. Acima de toda teoria ou ideologia, deve estar a primazia da vida humana defendida em sua dignidade plena.

Para isto, o pensamento de Hugo Assmann tem muito a contribuir, uma vez que, em razão de sua própria formação, a sua reflexão, inclusive teológica, sempre esteve em permanente aceno às demais ciências, provocando-as e deixando-se interpelar e confrontar por elas. Da mesma maneira, o Papa Francisco tem se empenhado permanentemente em dialogar com os Estados e demais espaços públicos e religiosos sobre a importância de um projeto comum em vista de uma nova ordem social que priorize a vida em sua plenitude. É importante a consciência de que haja um objetivo comum entre todos: a luta em favor da vida humana real e concreta.⁴⁶

Referências bibliográficas

ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F. **A idolatria do mercado**: Ensaio sobre Economia e Teologia. São Paulo: Vozes, 1989.

ASSMANN, H. **Clamor dos pobres e “Racionalidade” Econômica**. São Paulo: Paulinas, 1990.

ASSMANN, H. **Crítica à lógica da exclusão**: Ensaio sobre economia e teologia. São Paulo: Paulus, 1994.

ASSMANN, H. **Desafios e Falácias**: Ensaio sobre a conjuntura atual. São Paulo: Paulinas, 1991.

ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação**: Epistemologia e Didática. Piracicaba: Unimep, 1998.

ASSMANN, H. Por uma teologia humanamente saudável. In: SUSIN, L. C.

⁴⁶ ASSMANN, H., HINKELAMMERT, F., A idolatria do mercado, p. 9.

(Org.). **O mar se abriu**: Trinta anos de teologia na América Latina. Porto Alegre: Soter; São Paulo: Loyola, 2000. p. 115-130.

ASSMANN, H.; SUNG, J. M. **Deus em nós**: O reinado que acontece no amor solidário aos pobres. São Paulo: Paulus, 2010.

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCO, F. et al. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, V.; SILVA JR., N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 47-75.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

HINKELAMMERT, F. **Mercado versus Direitos Humanos**. São Paulo: Paulus, 2014.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, M. **História do Pensamento Econômico**: Uma perspectiva crítica. Rio de Janeiro: GEN / Atlas, 2021.

MISES, L. V. **The Anti-Capitalist Mentality**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2008.

POLANY, K. **A grande transformação**: As origens políticas e econômicas de nossa época. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

PY, F. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. In: **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.13, n.34, p. 02-28, set./dez. 2021.

RICHARD, P. Nossa luta é contra os ídolos. In: VV. AA. **A luta dos deuses**: Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 9-38.

SUNG, J. M. **A idolatria do Capital e a Morte dos Pobres**: Uma reflexão teológica a partir da dívida externa. São Paulo: Paulinas, 1989.

SUNG, J. M. **Desejo, Mercado e Religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

SUNG, J. M. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos**: Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus, 2018.

SUNG, J. M. Mercado religioso e Mercado como religião. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v.12, n.34, p. 290-315, abr./jun., 2014.

Thales Martins dos Santos

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: thh.martins@outlook.com

Recebido em: 15/09/2022

Aprovado em: 27/03/2022